

CRÔNICA DO PÁTIO DOS LEÕES

Milton Duarte Segurado

"Gaudeamus igitur, juvenes dum sumus"
(Canção da Universidade de Heidelberg)

"Quim, quim, quero..."
(Grito de guerra do XI de Agosto)

"Introibo ad altarem Dei".

Devidamente paramentado, monsenhor Salim principia a officiar o sacrifício da Missa: "Fazei isto em memória de mim".

Deste sacerdote, já usando a murça de cônego, consta que por duas vezes recusou a mitra, ao bispado preferindo a tarefa ingrata de educar os jovens, como fundador e primeiro Reitor desta sua Universidade Católica.

Era um homem que quando julgava se apoiar o seu argumento em falsas premissas, mudava as premissas, procurando outras melhores — e não mudava o argumento.

Compenetrado em seu sacro mister, renova no altar o sacrifício que nos redime, pronunciando as palavras, que a tradição nos legou, da cerimônia máxima do catolicismo, a Santa Ceia.

Monsenhor Salim inicia o Kyrie.

*

Tratar dos eventos referentes ao meu assunto pela ordem rigorosamente cronológica, a mim é impossível.

E acho que seria tão absurdo e arbitrário como tratá-los pela ordem alfabética...

Imagine o bom leitor (ou a leitora muito boa) se eu fosse discorrer nesta última ordem, dos assuntos — Salim, Segurado, Sevá... em seqüência de lista telefônica...

Pois tão arbitrário seria o tratá-los em seqüência cronológica (que a verdadeira História exige), principalmente se considerarmos que já se passaram trinta e um anos desde que foi fundada a nossa Faculdade...

O estilo aqui adotado é o de uma simples crônica de recordações.

É a única, senão certa, possível, nesta conjuntura de curto prazo, fatal e improrrogável, mesmo porque as outras diversas maneiras

seriam completamente impraticáveis, pelo menos por este autor.

Monsenhor Salim sonhou...

E Deus lhe permitiu em vida a realização de seu sonho.

Sonhou com a criação da Universidade de Campinas.

Em 1940 sonhou com a criação da primeira Faculdade — a de Filosofia, inaugurada com aula de Tristão de Ataíde. No ano seguinte constituiu-se a Sociedade Campineira de Educação e Instrução, com o objetivo de criar e manter a Faculdade de Filosofia, a de Ciências Econômicas, e outras que se criassem.

Realizadas, sonhou com a de Odontologia, fundada em 1950. E veio a fundar, aos 16 de abril de 1951 a Faculdade de Direito, que logo se organizou, já funcionando no ano seguinte, com o primeiro ano do curso de bacharelado.

Instalada à Rua Marechal Deodoro, no hoje chamado Edifício Central, sempre aí se manteve, exceto um semestre de 1955 em que esteve no edifício da Escola de Comércio da Academia São Luís, voltando logo ao Pátio dos Leões.

Trata-se este aqui do solar do barão de Itapura, antiga residência de dona Isolete Aranha, que o doou ao Instituto das Missionárias de Jesus Crucificado, fundação, como se sabe, de Dom Barreto.

Com o Dr. Carlos Foot Guimarães como diretor, Dr. Alexandre Chiarini como vice-diretor, prof. Felício Martone como secretário e o Dr. Enrique de Sousa Campos como inspetor federal, começaram as aulas de 1952, na sala grande da Faculdade de Odontologia.

O 1º ano compreendia 5 disciplinas: I. Introdução à Ciência do Direito; II. Direito Romano; III. Teoria Geral do Estado; IV. Economia Política; e, como não podia deixar de ser, também a V. Instrução Religiosa.

Esta última era facultativa aos alunos de diferente Credo e obrigatória aos que se declaravam, na matrícula, católicos.

Por estas cadeiras passaram inúmeros professores.

A cadeira de Direito Civil, existente na Faculdade de Direito da USP, no 1º ano, começou aqui a ser lecionada no 2º, tendo como titular o mesmo nosso diretor, Dr. Foot Guimarães, e como assistente o Dr. José Vicente, também professor e diretor da Faculdade de Ciências Econômicas, onde o sucedeu o nosso aluno Dr. José Carlos Virgílio.

Em Jundiaí nasceu o Dr. Foot Guimarães, conhecido advogado militante de nosso Foro, presidente da 3ª subseção local da

O.A.B. e inspetor do Ginásio do Estado "Culto à Ciência". A ele foi dedicada, com justiça, a XIX Semana Jurídica.

O vice-diretor, também mestre de Direito Civil, Dr. Alexandre Chiarini, nos contou pessoalmente que quando Ferri, luminar dentre os penalistas italianos da escola positiva, por aqui passou, vindo de Buenos Aires para uma conferência na Paulicéia, ele, jovem estudante, foi à estação da Paulista especialmente para ver o grande mestre das "Defesas Penais", com quem conversou e de quem obteve, num livro seu, o autógrafo.

Trouxe Monsenhor, do Diocesano, o Prof. Martone, seu braço direito na elevação desta Faculdade.

Contam-se entre os professores mais antigos desta Faculdade os Drs. José de Toledo, Milton Duarte Segurado, José Pedro Galvão de Sousa, Carlos Foot Guimarães, Alexandre Chiarini, ambos estes professores de Civil, depois lecionado também por Lino de Moraes Leme, Valentim Alves da Silva e Elvino Silva Filho.

Na cadeira de Direito Romano, hoje infelizmente extinta, passaram inúmeros professores — Alexandre Augusto de Castro Correia, Frederico Seidel (ex-juiz em Berlim), Tomás Marky, de nacionalidade húngara, Milton Loeff.

Era, na seriação das disciplinas, a 2ª cadeira do 1º ano, sendo a 1ª, com a proeminência de ser eliminatória, a de Introdução à Ciência do Direito.

Nesta lecionaram o Prof. José de Toledo e seu assistente Milton Duarte Segurado, que ocupou a cadeira quando o Prof. Toledo passou a lecionar Civil para o 5º ano.

Guardei como relíquia o 1º documento que recebi das mãos de Monsenhor:

INTRODUÇÃO À CIÊNCIA DO DIREITO — José de Toledo, 5 aulas por semana: 3ªs, 4ªs, 5ªs, 6ªs e sábados, das 8 às 8:50. Milton Duarte Segurado, 2 aulas por semana, sendo uma teórica, de repetição, às 2ªs, e outra prática, dividindo a turma em outras 2, A e B, que receberão as aulas da seguinte maneira: A — na 1ª e 3ª semana de cada mês; B — na 2ª e 4ª semana. Assim haverá as duas aulas por semana, completando-se dez por mês para efeito de vencimentos. Provas parciais: duas por ano: uma em 15 de junho e outra em 15 de novembro. Só poderão fazê-las os que tiverem obtido média 5 nas sabatinas escritas que se realizarão 2 vezes por semestre e poderão ser nas aulas práticas. Sabatinas: 1ª e 2ª semana de abril; 2ª — 4ª semana de maio; 3ª na 4ª semana de agosto e 4ª na 2ª semana de outubro.

Ficou a sala — a sala grande, cedida pela Odontologia — repleta de alunos do 1º ano, formando uma turma bem grande. Lembrou-me de todos. Seria impossível citá-los nominalmente.

Cumpr-me citar, entre muitos, José Antonio Trevisan, 1º presidente do Centro Acadêmico XVI de Abril, em 1952, reeleito em 1955, hoje lecionando Ética Profissional, Clovis Arnaldo Sproesser, presidente em 53, Tarcísio Germano de Lemos, presidente em 54, quando inaugurou no salão do 1º ano placa em homenagem a Monsenhor Salim; Bernardo Kaplan, que ficava, noite velha, rodando apostilas no mimeógrafo do Centro; Heitor Regina, ora professor de Tributário e Magnífico Reitor, foi diretor do cursinho ao vestibular, onde lecionou História do Brasil o nosso aluno Orville José de Sousa.

Sproesser, que eu encontraria depois como Delegado, de Polícia em S. Pedro de Piracicaba, foi eleito presidente do Diretório pelo partido ADA (Aliança Democrática Acadêmica), tendo como vice Róverio Pagotto.

O mesmo partido elegeu em seguida Tarcísio Germano de Lemos, advogado em Jundiaí, onde tem se distinguido no Tribunal do Juri.

O outro partido acadêmico era o PAR (Partido Acadêmico Renovador) que todos os anos disputava renhidamente as eleições universitárias.

Tarcísio foi causa de uma das primeiras “broncas” do Toledo. Aula de Introdução. E o professor consultando suas célebres fichas:

— Tarcísio de Lemos. Quem é ?

— Sou eu, professor, respondeu ele. Mas o sr. pode me chamar de “Parafuso”. Sou conhecido em toda Jundiaí, minha terra, por “Parafuso”. Há gente que nem sabe meu nome, mas “Parafuso” eles sabem quem é !

Após levar tremenda repreensão, tudo acabou bem. Mesmo porque o Prof. Toledo foi obrigado a anotar na ficha, na parte final de Observação: O apelido dele é “PARAFUSO”.

A 25 de outubro ocorria o aniversário do querido secretário Prof. Felício Martoni.

Artista amador muito conhecido nos meios teatrais, dono de característica voz de timbre muito pessoal e agradável, Martoni, com Trajano Guimarães e outros, era uma das colunas do G.A.R.D. — Grêmio Artístico Rafael Duarte. É de se lastimar que no filme sobre Fernão Dias, que aqui rodou Amilar Alves Filho, sobre a obra teatral de seu pai, tenham ineptamente substituído a voz de Martoni em inútil e prejudicial dublagem.

Pois o mesmo aconteceu num curta metragem, colorido, nesta cidade realizado, "O Sermão de Campinas", em que Monsenhor Salim aparece no início e no fim. Monsenhor prega um sermão sobre Campinas. Sua figura desaparece, substituída por imagens de nossa terra, e, no final, volta a figura do saudoso educador, para a peroração.

Não acreditem; mas, quando passou o filme, tinham dublado por outra, aquela voz, rica de inflexões que, desde os oito anos, eu já conhecia, na Missa solene das dez horas, na Catedral, competindo na oratória sacra com o também saudoso monsenhor Moura, voz de baixo profundo.

O aniversário de Martoni era festejado com almoço no restaurante do Bosque. Para este bródio especial, o Toledo, coadjuvado pelos alunos, improvisavam quadrinhas, ou melhor, compunham-nas (pois quem realmente as improvisava era o Wilson Brandão Tofano, ao violão), as quais eram cantadas em coro:

A Faculdade festeja
o Felício aniversário
deste Martoni querido
nosso grande secretário.

CORO

Fritz, Fritz, Fritz, meu bem,
traga mais chopp pra nós!

Martoni tira uma falta,
paga apostila pro Sacha,
empresta seu telefone,
espera os cobres da taxa.

CORO

Fritz, Fritz, Fritz, meu bem,
traga mais chopp pra nós!

Por isso todos no bosque
antes que o exame nos venha,
corramos para a chopada,
alegres cantando a senha:

CORO

Fritz, Fritz, Fritz, meu bem,
traga mais chopp pra nós!

Quando o aniversário caía durante a semana e era impossível comemorá-lo nesse dia, a festa passava para o sábado mais próximo, sempre em ambiente de cordial alegria, hoje quase inexistente, dada a dureza da vida de agora.

O professor José de Toledo, formado pela USP, onde defendeu tese, impressa, sobre a "Noção de lei positiva humana", era subprocurador da Fazenda (como o nosso colega Dr. José Sevá) e transferiu seu domicílio de S. Paulo para Campinas a-fim-de assumir a cadeira de Introdução. Lía tanto quanto um mestre do Renascimento, fichando livro por livro. Dominava quase todas as línguas latinas, tendo especial ojeriza pelo inglês, declarando que a Inglaterra era mera terra de comerciantes práticos. E que o inglês era um alemão deslavoado, de segunda classe.

Numa das chopadas do Bosque duas calouras serviram a ele um prato coberto, como homenagem dos alunos. Ao destapá-lo, encontrou o mestre um punhado de capim...

Nossa Faculdade era a única a possuir a cadeira de Prática e Tática Forense, confiada que foi ao ilustre advogado do Estado, novelista e articulista, Dr. José Sevá, que ao contrário do outro José, gosta do inglês e dele foi examinador no vestibular. Inteligente leitor de Kipling e outros clássicos, lidos sempre no original, o Prof. Sevá é um dos professores mais simples, diretos, modestos e queridos, dos que passaram pela Faculdade. Além de quatro obras jurídicas, publicou uma de ficção, que o não é, uma vez que romanceou a história real de seu próprio pai, simbolizando aqui a vida e o drama do emigrante italiano: "Eles vieram de longe..."

Consta que o primeiro professor contratado para lecionar Economia Política não parou na cátedra por este motivo, narrado pelos integrantes da primeira turma. Contam que Monsenhor, dirigindo-se à sala do 1º ano, encontrou-a vazia. — Onde estão os alunos ? — No Forum, em visita, acompanhados do professor.

No dia seguinte, pois naquele não voltaram mais, veio a explicação. Como a Economia é a ciência do valor, na moeda representado, o professor os levava ao Forum para explicar, em aula prática, como comprar selo, onde, quando custava, a-fim-de aprenderem a selar as petições. Se non è vero...

Nas noites de São João havia quermesse no Pátio dos Leões, com pipoca, rapadura e outras comeizanas, irrigadas por um bom quentão, circulando interessante correio amoroso.

Novos professores vêm aumentar o corpo docente: Antonio Cuoco, Hélio Morais de Siqueira, Gartano Sciascia, Lino de Morais Leme, Valentim Alves da Silva, Adib Casseb, Roberto Bove, Antonio Toledo Piza, Max Kauffmann, Mário Carvalho de Jesus, José Romeiro Pereira, Alfredo Buzaid, Antonio Leite Carvalhaes, Benvindo Aires, Moacir Lobo da Costa... e outros e muitos outros a exigir novos capítulos da História de nossa Faculdade de Direito.

Em junho de 1955 saíu o 1º e único número da Revista XVI de Abril, com colaboração dos seguintes professores e alunos: José Dalmo Fairbanks Belfort de Matos, Milton Duarte Segurado, Teresinha Aguiar, José Antonio Trevisan, Valdemar Cesar da Silveira, José Roberto do Amaral Lapa, Agostinho Tavoraro, Reinaldo Coelho, Juran-dir Campos Freire, entre outros.

No 1º jornalsinho do Centro Acadêmico sobressai a reportagem sobre o enterro do Hotel Terminus. E foi o caso que na "pin-dura" do primeiro onze de agosto, foram os primeiranistas muito bem recebidos em restaurantes e bares e muito mal naquele hotel, onde encasquetaram de jantar grátis, para depois, revelando-se acadêmicos, agradecer a comezaina com o célebre "piquê-piquê" — hino de guerra das Arcadas, copiado pelo Brasil inteiro.

Tendo sido, porém, mal recebidos lá, onde nem conseguiram entrar, barrados pelo Senhor Gerente, resolveram e fizeram o enterro de 3ª classe do referido hotel, que, percorrendo o centro da cidade, lá parou defronte, para a encomendação do defunto, entre inúmeras orações fúnebres.

O caixão foi conduzido, entre outros, por Sproesser e Trevisan.

Nosso estimado Trevisan, que hoje eu sei que nos intervalos os cacoetes do Toledão e do Miltinho, é o único aluno que foi reeleito presidente do Centro, três anos depois, na quarta diretoria, de 1955.

A posse de sua segunda gestão se deu em nosso finíssimo Teatro Municipal, tendo como orador convidado, o Prof. André Franco Montoro, ora governador do Estado. Era a primeira vez em nossos anais que à posse de um presidente de Diretório Acadêmico se dava especial solenidade.

Agora uma "bronca" com o Trevisan, narrada por ele mesmo. Quando veio lecionar aqui o preciso e metódico Prof. Moacir Lobo da Costa (que se dizia um lobo), o Trevisan, sendo presidente do D.A. estava dispensado de assistir às aulas. Assim sendo, nem conhecia o novo professor ainda.

Aparecendo a oportunidade de assistir a uma aula de Judiciário Civil, pergunta o Trevisan a um colega: — Como se chama o novo professor ?

E o colega para gozá-lo, responde, dando o nome do grande processualista italiano: — É o professor Chiovenda.

Levanta-se Trevisan, com toda a dignidade. E imperturbável:

— Professor Chioventa! Poderia o senhor responder-me uma pergunta?

Só a classe viu o que desabou no José Antonio Trevisan...

A aula inaugural do ano letivo de 1955 foi proferida a 7 de março — dia de São Tomás de Aquino, patrono das Universidades Católicas — pelo ilustre Prof. Dr. Alfredo Buzaid, que chegou a lecionar Judiciário Civil, por certo tempo, nesta Faculdade.

Naquele remoto ano contava a Faculdade de Direito com 451 alunos, assim distribuídos: 1º ano — 172; 2º) 91; 3º) 87; 4º) 101. Como a primeira turma, de 195, chegara ao 4º ano, não havia ainda o 5º e último.

Em 1956 saiu o 3º número (especial) do ano 3 do jornal do XVI de Abril, formato grande, em cores, com o retrato de Mon-senhor Salim na primeira página. Notícia da realização entre os estudantes do Juri simulado. Artigo sobre o Prof. Alexandre Chiarini, que recebera no ano anterior a condecoração "Stella della Solidarietà Italiana".

O Anuário das Faculdades Campineiras para 1956 registra o total de 557 alunos, assim matriculados pelas cinco séries: 1ª) 156; 2ª) 130; 3ª) 99; 4ª) 86; 5ª) 85.

Estava agora o corpo docente aumentado com novos professores: Padre Valdomiro Caram (Cultura Religiosa), Telmo Eurípedes Bartolomeu Silva (Economia Política), Padre Rodolpho Frick-Glaser (Cultura Religiosa), Nivaldo Natanael Barbosa (Direito Comercial), Celso Penteado (Direito Penal), Lauro Pimentel (Direito Comercial), Sílvia Amaral (Direito Penal), Filomeno Joaquim da Costa (Direito Industrial).

De início as alunas trajavam obrigatoriamente uniforme: blusa branca, saia cor de vinho mais que comprida, meias e sapatos pretos, roupa branca à vontade, pois até aí não chegava o regulamento. Expressamente proibidas as meias curtas, estilo soquete. Vestido curto, ninguém pensava nisso. Tinha que ter o mesmo comprimento do de Bernadette Soubirous, não podendo subir um centímetro sequer.

A Diretoria passou a ser assim constituída:

Diretor: Dr. Carlos Foot Guimarães

Vice-Diretor: Dr. Alexandre Chiarini

Secretário: Prof. Felício Martoni

Auxiliares: Wellington Ferreira Gilla e Nelson Ferreira Leite

Contador: José Luís Ferreira (também nosso aluno)

Tesoureiro: Jaime Godoy Castanho

Bibliotecária: Ivone Borçato (depois nossa aluna)

Arquivista: Roberto Vilas Boas

Inspetor Federal: Dr. Henrique de Sousa Campos.

A cadeira de Cultura Religiosa, existente em todos os anos, assim se seriava: 1º ano — Apologética; 2º) Dogmática; 3º) Moral; 4º) Doutrina Social da Igreja. Na 5ª série era substituída por Ética Profissional.

A segunda turma, em 1953, assistia às aulas na sala da estufa, que dá para o pátio interno de Odonto. Bem menor que a anterior, só possuía três alunas, sendo que uma desistiu após o 1º exame, quando viu a nota de Introdução.

Contra a portaria, baixada por Monsenhor, que proibia o trote, em especial nas dependências da Faculdade, os secundaristas raspam o cabelo dos novos alunos, passando-lhes um tremendo trote, estilo Arcadas.

Foram todos suspensos, tanto os troteadores, como os troteados que se dispuseram a isso, por uma segunda portaria do Reitor. Como a classe inteira se solidarizou no trote, também se irmanaram na sanção: todo o 1º ano levou 15 dias de suspensão.

Havia três partidos políticos que disputavam a presidência do C.A. de início, dois: o PAR (Partido Acadêmico Renovador) e a ADA (Aliança Democrática Acadêmica), sucedendo-se nas eleições. Dadas as tremendas brigas, ocorridas entre ambos, fundou o aluno transferido para o 2º ano, Jorge Abbud, um terceiro partido, para desempatar: a União Democrática Universitária — UDU. Ficaram três a se debater...

A solene colação de grau da primeira turma, em 1956, de que foi paraninfo o próprio Monsenhor Salim, realizou-se no antigo Teatro Municipal, já demolido. Posteriormente ainda continuou a ocorrer no Municipal, depois no salão nobre do edifício central, no Clube Semanal de Cultura Artística e, ultimamente, no Teatro Castro Mendes.

E assim correram trinta e um anos... Novos professores... Novos alunos... Novas idéias... Novo currículo...

Na direção da Faculdade sucederam-se os professores Doutores Hélio Morais de Siqueira, Álvaro Cury, e, atualmente, nosso ex-aluno Álvaro César Iglésias, que também valoriza, no sentido exato e axiológico da palavra, a cadeira de Filosofia do Direito.